

ASPECTOS GLOTOPOLÍTICOS NA INTERFONOLOGIA DO ESPAÑHOL COMO LÍNGUA NÃO MATERNA

Davidson Martins Viana Alves
Mestrado/UFF
Orientador: Xoán Carlos Lagares Diez

Introdução

Faz-se necessário mencionar que este trabalho apoia-se nos projetos de pesquisa intitulados *Laboratório de Pesquisas em Contato Linguístico (LABPEC)*, da Universidade Federal Fluminense; *Núcleo de Pesquisa em Fonética e Fonologia Aplicadas à Língua Estrangeira (NUPFFALE)* da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ambos cadastrados no diretório de grupos de pesquisa do CNPq; e, ainda, ao projeto *Aquisição Fonético-fonológica de Línguas não Maternas e Ensino de Pronúncia*, que vincula-se ao Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Este trabalho versa especificamente sobre o ensino de pronúncia das sibilantes do espanhol como língua não materna, analisando os aspectos glotopolíticos que envolvem esse processo de ensino-aprendizagem. Objetiva-se construir diretrizes que auxiliem o ensino e a aprendizagem de categorias fonético-fonológicas de espanhol como LNM, evitando que esse processo se estabeleça em estágios superficiais de purismo linguístico e impedindo que o falante de espanhol/LNM tenha seu estudo prejudicado e defasado por não conhecer a diversidade e pluralidade linguística. Além de não compreender como um constructo imagético e multirrepresentacional (BYBEE, 1994, 2001a; PIERREHUMBERT, 2001a, 2001b) se constitui por muitos sotaques e se molda por variadas pronúncias. Além disso, a partir da descrição fonético-fonológica da evolução das sibilantes na história da língua espanhola como L1, objetiva-se descrever as sibilantes do espanhol como L1 para se chegar na análise das sibilantes do espanhol LNM.

Discussão teórica

Nesse trabalho, ideologias, imaginário, representações, práticas, crenças e atitudes sociais e linguísticas são consideradas construtos teóricos complexos e multifacetados, em que subjazem principalmente do aspecto social e, principalmente, da interação e diálogo com os diversos contextos experienciados por e entre indivíduos. Ou seja, advém de verdades pessoais, mas que só se solidificam a partir do contato com múltiplas realidades e formas de pensar e conceituar o mundo. Ademais, cabe também citar alguns termos relacionados aos anteriores, como as noções de estigma, prestígio, intolerância, exclusão, inclusão, marca e preconceito. A partir dessa explanação, buscase detectar em que medida a produção oral das sibilantes pode carregar essas práticas glotopolíticas e como se configura o processo de escolha de uma pronúncia, a eleição de uma variedade linguística em oposição a outras e, ainda, o porquê desse fato glotopolítico ser tão profícuo no contexto de ensino-aprendizagem formal.

Glotopolítica pode ser considerada a utilização de práticas linguísticas e extralinguísticas que se interrelacionam a contextos políticos. Assim, pode ser tida como uma extensão da sociolinguística, tangenciando a linguística aplicada em seu sentido mais amplo e interacional. Para Guespin & Marcellesi (1986), esse primeiro conceito aqui discutido possui dois eixos direcionais: um *vertical*, que se refere a fatos normativos e antinormativos, este aparentemente nulo, haja vista que normas são atemporais, pois ultrapassam a barreira da existência temporal; e um *horizontal*, que é considerado mais inovador que o primeiro, mais robusto e que se refere especificamente às relações sociais, entendendo que toda escolha e decisão modificam essas relações, esse contato. A partir disso, qualquer escolha linguística é uma prática glotopolítica.

Desse modo, cita-se o seguinte trecho:

O termo glotopolítica pode ser utilizado com dois fins: ao mesmo tempo para a evocação das práticas e para a designação da análise; a glotopolítica é, portanto, ao mesmo tempo uma prática social, á qual ninguém escapa (as pessoas fazem glotopolítica sem o saber, seja um simples cidadão ou um ministro de economia), e ela tem a vocação de se converter numa disciplina de pesquisa, um braço hoje necessário da sociolinguística. (GUESPIN & MARCELLESI, 1986, p. 16).

Nessa ocasião, em que se discute a porção de políticas linguísticas do presente trabalho, vale ressaltar que há em inglês, por exemplo, dos termos referentes a esse único termo do português. Por um lado *language policy* se refere a planos de ação relacionados à língua e, por outro lado, *language politics* faz referência a uma decisão ou uma série de decisões que implicam em um ato de poder. Segundo Ninyoles (1975), os acontecimentos que precedem a decisão política (=policy) e a mesma decisão (=politics) constituem dois momentos distintos de um processo em que se delimitam através da intervenção de um ato de autoridade.

Ainda, no que tange à glotopolítica, tem-se o importante conceito de planificação linguística, que, de acordo com Cooper (1997: 60) compreende os esforços deliberados para influir no comportamento de outras pessoas a respeito da aquisição, da estrutura ou da correspondência funcional dos seus códigos linguísticos. Advinda desse construto teórico, tem-se a planificação de *corpus*, que se refere intimamente aos conceitos e noções glotopolíticas mencionados.

A partir de uma reflexão linguística, sabe-se que há uma gradação, um relativismo e uma flexibilidade acerca do tratamento dado ao fator historicamente construído, denominado *norma*. Desde sua perspectiva objetiva (o que é) até sua perspectiva subjetiva (o que acham que é) e padrão (o que deve ser). Ao lado dessas perspectivas normativas, encontram-se os modos com que os falantes pensam os usos linguísticos, como eles se situam em relação aos outros falantes, aos outros usos, e como eles situam sua língua em relação às outras línguas que estão em contato com a sua, seja via aquisição, seja via ensino-aprendizagem.

Esses modos supracitados, sob os pressupostos teóricos de Petitjean (2009), podem ser considerados representações, pois se compreende que a língua só existe através do uso que delas se faz, por meio do múltiplo conjunto de conhecimentos extra e intralinguísticos, reunidos pela comunidade de fala. A representação linguística, diferentemente das práticas, não é apreensível de maneira direta e imediata.

Delimitação temática

Em princípio, analisa-se a evolução fonética das sibilantes do espanhol/L1 nos séculos XIV, XV, XVI e XVII (NAVARRO TOMÁS *et al.*, 1933; ALONSO, 1953), para que se possa descrever a produção oral dos falantes de espanhol/LNM da

contemporaneidade, a partir de dados empíricos do uso analisados no programa acústico PRAAT - versão 5.4.14 (BOERSMA & WEENINK, 2015).

Observam-se os valores fonético-fonológicos das consoantes fricativas [s] e [T], que caracterizam os fenômenos linguísticos *seseo* e *ceceo*, se em posição silábica inicial (ataque / onset) e *heheo*, se em posição silábica final (coda). Nesse caso, há a realização de uma aspiração das sibilantes, representada por [h] ou [ɦ], dependendo do fone subsequente.

Conceituando os fenômenos fonético-fonológicos aqui analisados, observa-se que a partir da *desfonologização* do fonema fricativo sibilante ápico-alveolar surdo /s/ elimina-se a oposição e concorrência de uso existente entre ele e o fonema /θ/, assim, surgindo o *ceceo*, realização /θ/ nos grafemas <s>, <c> (antes de <e, i>) e <z>. Este tipo de pronúncia é uma das características mais evidentes e próprias da variedade andaluza da língua espanhola e, também, convencionalmente considerado pelo senso comum como traço da fala inculta e da vulgaridade, a partir de atitudes sociolinguísticas, de práticas de exclusão, intolerância e preconceito linguístico (BAGNO, 2003; 2009; LEITE, 2008; BISINOTO, 2007). Esta prática político-ideológica lhe é agregada principalmente por conta do contato com a zona rural. Fatores sociolinguísticos - como a origem social e geográfica do falante, e até mesmo a faixa etária - tratam de embasar e corroborar tais asserções.

Em plena oposição ao fenômeno supracitado está o *seseo*, que, por sua vez, *desfonologiza* o fonema fricativo sibilante linguo-interdental surdo /θ/ e admite uma única realização para os grafemas <s>, <c> (antes de <e, i>) e <z>, o fonema fricativo ápico-alveolar surdo /s/.

Por último, tem-se a distinção, variante de prestígio que tem como realização o fonema fricativo ápico-alveolar /s/ para os grafemas <s> e o fonema fricativo linguo-interdental /θ/ para os grafemas <c> (antes de <e, i>) e <z>. Este fenômeno está presente na comunidade de falas cultas formais, visto que é tido como pronúncia padrão (*standard pronunciation*) pelas instituições acadêmicas espanholas, por conta da manutenção da rica variedade de sibilantes existentes no passado e pela tradição de se conservar uma coexistência polifônica. A distinção está entre os referidos fonemas fricativos sibilantes surdos, que articulatoriamente se diferem apenas no ponto de articulação, sendo /s/ ápico-alveolar surdo e /θ/ linguo-interdental surdo.

Para se entender um pouco o tema é preciso saber que a pronúncia é caracterizada pela produção e percepção dos segmentos e suprasegmentos da fonologia de uma língua e que o vocábulo sotaque, *que* só existe em português e que tem etimologia desconhecida, equivale ao vocábulo acento em outras línguas, termo técnico também visto em português. Sotaques ainda podem ser vistos como um conjunto de marcas que caracterizam a fala de um indivíduo e que servem para identificá-lo como integrante de um grupo social, linguístico e cultural.

Ao passo que dois (ou mais) sistemas sonoros estejam em contato, construindo, assim, uma interfonologia, o falante produz sons na LNM baseados no molde acústico-articulatório de sua L1. É muito mais prático (lei do menor esforço) usar o que se tem de semelhante em seu sistema do que criar novas categorias fonológicas para aquele som percebido.

Vale ressaltar que, na produção oral de espanhol/LNM, sons que pertencem a variedades regionais ou sotaques que demonstrem influências da L1 não devem ser considerados erros, pois, não causam problemas de inteligibilidade e, ainda, que variantes da LNM devem ser consideradas como uma questão de diversidade/diferença em vez de deficiência.

Descrição histórica

Baseando-se em pressupostos historiográficos e dialetológicos presentes em Alonso (1953), Menéndez Pidal (1958), Alarcos (1965) e Alvar (1999) faz-se um preliminar percurso histórico das sibilantes espanholas. A ver:

Séculos XIV e XV

- Africada pré-dorsodentoalveolar surda: /ts/, <ç> e <c> antes de <e, i>;
- Africada pré-dorsodentoalveolar sonora: /dz/, grafema <z>.

Obs.: Africadas, por isso apresentam o traço matricial (- contínuo). E se diferenciavam entre si na tensão e na sonoridade.

- /ts/: - contínuo / + tenso / - sonoro, *cerca* [tserka] – *plaza* [platsa]
- /dz/: - contínuo / - tenso / + sonoro, *fazer* [fadzer] – *dezir* [dedzir].

Séculos XIV e XV

- Fricativa áptico-alveolar surda: /s/, <s> em _# e <ss> em V_V.

- Fricativa áptico-alveolar sonora: /z/, <s> em V_V.

Obs.: Diferenciam do outro par de homorgânicas por serem fricativas, com o traço matricial (+ contínuo). E se diferenciavam entre si na tensão e na sonoridade.

- /s/: + contínuo / + tenso / - sonoro, *osso* [oso].

- /z/: + contínuo / - tenso / + sonoro, *oso* [ozo] (1ª p. sg. verbo *Osar* [ousar]).

Século XV

- Perda da oposição de sonoridade e tensão entre as africadas. Houve um favorecimento da africada surda.

Século XVI

- [s¹]: fricativa áptico-alveolar surda.

- [s²]: fricativa pré-dorsodental surda (algumas comunidades de fala avançou seu ponto de articulação, passando a línguo-interdental) – [θ].

Obs.: A oposição +/- sonoridade se perdeu com a desfonologização dos sons vozeados dos séculos anteriores, são eles os [dz] e o [z].

O reajuste das consoantes espanholas, que ocorreu entre os séculos XVI e XVII, foi um processo de evolução fonético-fonológica particular à língua espanhola, que deu origem ao sistema consonântico atual. Durante o século XV já eram perceptíveis, particularmente no quadro das sibilantes, notáveis mudanças fonético-fonológicas, totalmente relacionadas ao uso e a significativos elementos extralinguísticos.

Depois do longo processo de delimitação dessas mudanças sonoras, consolida-se o sistema consonântico espanhol moderno. Entretanto, como a língua nunca interrompe seu fluxo de funções e nem deixa de evoluir, outros fatos linguísticos ocorrem. Prototipicamente ocorrem mutações fonético-fonológicas que não surgem isoladamente, mas que atuam diretamente no sistema e cujos efeitos repercutem em outras partes desse sistema.

Descrição geográfica

A causa mais evidente de variação na pronúncia espanhola é a espacial, seja pela distância ou pelo relevo. O espanhol cruza a fronteira de mais de vinte países e a grande diversidade de territórios admite um número enorme de geoletos, ou seja, modos de fala particulares de certas áreas geográficas. De acordo com tendências gerais de pronúncia, é possível dividir o mundo hispânico em três regiões básicas: O Centro e o Norte da Espanha, as Terras Altas e as Terras Baixas. Ainda que não haja uma uniformidade nestas regiões e que existam amplas zonas fronteiriças que apresentam características variadas, esta classificação é útil para a tentativa de delimitar o vasto território em que se encontra o idioma Espanhol.

Ao tratar especificamente do tema aqui comentado, sabe-se que há vazio bibliográfico acerca do *ceceo* e que é habitual a crença entre os versados em dialetologia hispânica, de que este fenômeno é exclusivamente andaluz. Na realidade, o *ceceo* se manifesta como traço dialetal ou idioletal na América Latina. Existem estudos dialetais que sinalizam áreas isoladas e específicas de *ceceo*, como em Costa Rica, Nicarágua, El Salvador, Honduras, Venezuela, Colômbia, Peru, Chile e Argentina.

Tratando-se dos fenômenos na Espanha, tem-se um maior acervo bibliográfico. Um trecho de uma obra que trata, com detalhes, dos fenômenos no Espanhol Peninsular é o seguinte:

Hoje a região andaluza se divide em três terços aproximadamente de igual extensão: um que cecea, outro que sesea, e o terceiro que faz a distinção c de s (...). Chamo sedimentação ao fato histórico-linguístico de que a coletividade de uma cidade, de uma comarca, vai mostrando preferência por uma das duas articulações até então indistintamente praticadas e relega a outra: se a favorecida é a c, o resultado é o ceceo; se a s, o seseo. Este árduo trabalho social de sedimentação teve que ser de larga duração; não só temos que supor que já estava em marcha em 1650 (...) como também que desde o princípio do uso anárquico, contrastivo de c e s haveria já certa preferência individual ou local.

Zona de ceceo: Províncias de Sevilha (menos uma parte ao norte), Cádiz e Málaga (menos una parte ao norte), sul de Huelva, oeste de Granada e parte da costa de Almería. Seu núcleo, Baixa Andaluzia.

Zona de seseo: Província de Córdoba (menos o norte, distinguidor) com uma língua que adentra por Jaén, Guadalquivir acima; norte de Sevilla, norte de Málaga, uma parte de Huelva.

Zona de distinção: Províncias de Jaén e Almería quase inteiras, a de Granada, menos seu terço ceceante a oeste; a metade norte de Huelva. (NAVARRO TOMÁS, 1933 apud ALONSO, 1953, p. 140-141, tradução nossa).

Sevilha, ainda em Andaluzia, pode ser considerada uma ilha de *seseo* em um mar de *ceceo*, pois o número de falantes de espanhol *ceceantes* nunca foi estabelecido; contudo, há a estimativa que existam mais de dois milhões e meio de pessoas. Ainda que pequeno em relação ao mundo hispanofalante, este cálculo é suficientemente representativo; visto que, a comunidade autônoma de que a referida província é capital – Andaluzia – abriga sete milhões de pessoas. Por último, tem-se que em Granada predomine a distinção, porém com notável população *ceceante* de origem autóctone, que costuma conservar em certa medida seu traço materno.

Descrição social

Um tipo de distância que contribui para que a pronúncia da língua espanhola não seja uniforme é a separação que impõe as diferenças entre grupos sociais. De acordo com os estratos sociais, o acesso que os indivíduos têm à educação varia. Enquanto que as pessoas de classe alta normalmente têm o ensino superior, as pessoas de classe baixa geralmente têm apenas o ensino fundamental ou são iletradas. Outro fator que favorece os falantes de classe alta é o maior acesso que têm à literatura, às artes e a outras formas de expressão de linguagens. Além dos estratos, existem outros fatores sociais que afetam na pronúncia, como o sexo, a idade e o contexto de fala.

O fenômeno chamado, *seseo*, que no passado era tido como defeito ortológico individual por causa da igualação fonológica, atualmente é componente da fala culta (América, Ilhas Canárias e algumas províncias de Andaluzia), inculta (Centro e Norte da Espanha) e da fala culta informal – variação de registro - considerado um ideal idiomático. Visto que, a índole cultural de diversas comunidades de fala orienta a língua a esta direção.

As escolhas são essencialmente influenciadas pelo uso, pelos fatores extralinguísticos pelos quais os falantes de uma determinada comunidade optaram, objetivando a simplificação fonética e interna da língua. Sabe-se que, pela lei do menor esforço, os falantes tendem a igualação fonológica, não seguindo os princípios sonoros que influenciam na escrita, que por sua vez são princípios ortológicos. Esta concepção corrobora-se com a atuação do sistema, que é tendenciosamente econômico, e com a lei da inércia na fala.

Analisando-se o percurso histórico-articulatório dos fenômenos linguísticos aqui discutidos, constata-se que a partir do processo de fricativização de /ts/ dá-se o fonema fricativo sibilante predorsodental surdo /s/ que acusticamente era quase impossível de distinguir do /s/ ápicoalveolar; assim, a solução do problema era avançar o ponto de articulação do /s/ predorsodental até o moderno fonema fricativo sibilante interdental surdo /θ/; entretanto, nas variedades meridionais opta-se pela neutralização total destes dois fonemas quase idênticos, dando lugar a fenômenos como o *seseo*, considerado a realização culta e *ceceo*, característico das áreas rurais.

A distinção, por mais que seja a pronúncia considerada padrão – padronizada por fatores políticos conservadores com o intuito de manutenção de particularidades do sistema sonoro espanhol - não é produtiva, já que não é recorrente. Essa variante tem pouco rendimento funcional, fator que dificulta o funcionamento eficaz do sistema, por isso a tendência é que ocorram desfonologizações em favor de uma equidade fonética e, por conseguinte, a simplificação do quadro das sibilantes espanholas.

Deste modo, entende-se que, assim como as variedades *seseantes* e distinguidoras, a variante *ceceante* também deve ser ensinada nos cursos de espanhol como língua não materna, visto que sua frequência de uso é maciçamente representada pelos falares da Espanha, sobretudo na variedade andaluza – localizada na maior comunidade autônoma da Espanha. Como referencial teórico para firmar esta opinião, ainda, cita-se Scherre (1996, p. 49), que argumenta que não se pode praticar a injustiça social em nome da “boa língua”. Humilhando o ser humano por meio da não-aceitação de um de seus bens culturais mais divinos: o domínio inconsciente e pleno de um sistema de comunicação próprio da comunidade ao seu redor.

Metodologia e Análise parcial dos dados

A saber, um dos *corpus* dessa pesquisa foi formado por dados obtidos a partir da produção oral de falantes de espanhol/LNM através da leitura de um texto em um laboratório que garantiu a qualidade acústica das produções. O *corpus* constituiu-se de dados linguísticos coletados de 30 estudantes da graduação em Letras: Português/Espanhol da Universidade Federal do Rio de Janeiro entre o 2º semestre de 2012 e o 1º semestre de 2013. Foram escolhidos 4 estudantes de cada nível da graduação (8 períodos) - 2 do sexo masculino e 2 do sexo feminino –, com a exceção do 4º período, cuja escassez de estudantes do sexo masculino fez com que se selecionasse somente os informantes do sexo feminino. Todos os informantes forneceram dados de caráter pessoal, além daqueles relacionados ao tempo de estudo de língua espanhola, à explicitação das variedades que lhes foram ensinadas e as que adquiriram e elegeram como sua identidade linguística. Esse conjunto de informações passou, então, a compor um cadastro dos voluntários participantes da pesquisa.

Além disso, todos os informantes assinaram um termo de consentimento aceitando que utilizassem suas gravações de voz para pesquisa linguística e única e exclusivamente para esse fim e, ainda, que tinham plena consciência de que seus dados pessoais, sociais e linguísticos estão protegidos e preservados pelo direito de sigilo.

A natureza dos dados constituiu-se da leitura de um texto narrativo autêntico de quatro parágrafos, lido por brasileiros cariocas que têm a língua espanhola como língua não materna. Esses dados orais foram coletados através do registro digital do programa computacional de análise e síntese de voz PRAAT - versão 5.4.14., desenvolvido pelos doutores Paul Boersma e David Weenink, professores do Instituto de Ciência Fonética da Universidade de Amsterdã.

Procedimentos de análise

No *corpus*, observam-se os valores fonético-fonológicos das consoantes fricativas [s] e [T], que caracterizam os fenômenos linguísticos *seseo* e *ceceo*, em posição silábica inicial (ataque / onset). Veja os quadros abaixo com o detalhamento dos procedimentos:

CORPUS (Produção oral)			
	FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA		
Grafemas	<s>	<c>	<z>
Sílaba Inicial	se ⁶ , sabe, saudosa, Simón, siervos ² , suyos, santidad, su ⁴ , sinceridad, señor, santo, solemnización, solo sufrimiento, sabía, señora, seguida, sido, siempre.	ciervos, celestial, ceremonia, ciego, ciudadanos, ciudad.	zurda, zapatos, zumo, zanahorias, zorra.
Sílaba Medial	saudosa, casado, casados, iglesia, pasó, personas, esposa, deseos, fresas, clases, casase ² , así, acceso, composición, hermoso, cadicienses.	provincia, Andalucía, Francisco, paciencia ² , abnegación, recién, sinceridad, conmemoraciones, solemnización, felices ² , aficionada, accesorios, principio, acceso, procesos, composición, ficcional, percibe, principios, cadicienses, hicieron.	cazado, solemnización, comienzo, embarazada, corazones.
Total	28/17 <i>token</i>	6/23 <i>token</i>	5/5 <i>token</i>

Tabela 1: Frequência de ocorrência (*token*) dos grafemas referentes às sibilantes.

CORPUS (Produção oral)			
	LEVANTAMENTO DOS DADOS		
Grafemas	<s>	<c>	<z>
Sílabas Inicial + medial	28 + 17 = 45	6 + 23 = 29	5 + 5 = 10
Informantes	30		
Total	45 + 29 + 10 = 84 x 30 = 2.520		

Tabela 2: Contabilização dos dados orais obtidos na pesquisa

Considerações finais

O presente trabalho mostra-se relevante por colaborar para a compreensão dos processos e mecanismos de funcionamento envolvidos na linguagem humana, sobretudo ao que se refere à LNM, e justifica-se por contribuir com a descrição fonético-fonológica do espanhol, com expressivo foco nas sibilantes.

Ademais, o valor deste trabalho justifica-se pelo fato de ele compor, de forma plena, questões relacionadas à interfonologia do espanhol falado e percebido por falantes brasileiros que têm o português como L1. Haja vista que em toda a busca bibliográfica desta pesquisa encontram-se escassos registros de trabalhos científicos que tratem de questões fonético-fonológicas do espanhol como LNM por brasileiros e, muito menos, trabalhos que envolvam esse assunto a questões glotopolíticas. Ou seja, práticas ideológicas que perpassam a linguagem.

Acredita-se que a pesquisa inicial sugerida nesse trabalho poderá contribuir à ampliação da compreensão do ensino de pronúncia do espanhol/LNM. Além de preencher uma espaçosa lacuna em relação aos estudos de LNM. Haja vista que há bastantes estudos que tratem da aquisição fonológica de L1 e da aquisição de LNM em geral e, no entanto, pouquíssimos estudos que tratem da aquisição fonológica de LNM e, ainda, quase nenhum que trate especificamente da aquisição fonológica de espanhol como LNM. Portanto, se fazem justificadas a escolha do objeto de pesquisa e a escolha dos pressupostos teóricos presentes neste trabalho.

A constituição do *corpus* e a aplicação e análise dos questionários confirmam a hipótese de que falantes brasileiros de português/L1 tendem a transferir características de seu sistema sonoro ao do espanhol/LNM, não só no momento da produção oral, mas também quando interpretam o *input* que recebem, no momento de percepção e de construção da inteligibilidade.

No que tange à aquisição de espanhol/LNM, preza-se pela criação de condições favoráveis para um uso real e efetivo da linguagem, com foco na diversidade e na pluralidade de sotaques e de pronúncias.

Referências

- ALARCOS, E. *Fonología Española*. 4ª ed. Madrid: Gredos. Biblioteca Románica Hispánica. Manuales, 1, 1965.
- ALONSO, A. *Estudios Lingüísticos: Temas Hispanoamericanos*. Madrid: Biblioteca Romanica Hispanica. Editorial Gredos, p. 102-150, 1953.
- ALVAR, M. *Manual de Dialectología Hispánica: el Español de España*. Barcelona: Ariel, 1999.
- BAGNO, M. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- _____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 52ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- BOERSMA, Paul; WEENINK, David. *Praat: doing phonetics by computer*. Versão 5.4.14. Disponível em: <http://www.praat.org>. Acessado em: 30 de julho de 2015.
- BYBEE, Joan. A view of phonology from a cognitive and functional perspective. *Cognitive Linguistics*, Mouton de Gruyter, Berlin/New York, v. 5, n. 4, 1994, p. 285-305.
- _____. *Phonology and language use*. Cambridge: University Press, Cambridge UK, 2001a.
- BISINOTO, L. *Atitudes sociolinguísticas: efeitos do processo migratório*. Campinas: Pontes Editores, RG Editores, 2007.
- CALVET, L-J. *Políticas linguísticas*. Trad. por Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- COOPER, Robert L., *La planificación lingüística y el cambio social*. Cambridge: University Press, 1997
- GUESPIN, Louis ; MARCELLESI, Jean-Baptiste. Pour la glottopolitique. In: *Langages*, 21e année, nº 83, pp. 5-34, 1986.
Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726X_1986_num_21_83_2493
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Mª Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LEITE, M. *Preconceito e Intolerância na Linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

MENÉNDEZ PIDAL, R. *Manual de Gramática Histórica Española*. 10ª. ed. Madrid: Editorial Espasa-Calpe, 1958, p. 95-199.

NAVARRO TOMÁS, T., ESPINOSA, A. M. & RODRÍGUEZ-CASTELLANO, L. La frontera del andaluz. *Revista de Filología Española*, 20, p. 225–277, 1933.

NINYOLES, R. *Estructura social y política lingüística*. Valencia: Editora Fernando Torres, 1975.

PETITJEAN, C. *Représentations Linguistiques et Plurilinguisme*. 2009. Thèse (de doctorat). Université des Université de Provence et Neuchâtel, Spécialité Sciences du Langage. Disponível em: http://doc.rero.ch/record/17313/files/Th_Petitjean.pdf. Acesso em: 01 de setembro de 2015.

PIERREHUMBERT, J. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition, and contrast. In J. Bybee and P. Hopper (eds.). *Frequency effects and the emergence of lexical structure*. Amsterdam: John Benjamins, p. 137-157, 2001a.

SCHERRE, M^a. M. P. “Pesquisa e ensino: modelos de análise em debate – o modelo variacionista”. In: BRANDÃO, S. & OLIVEIRA, M. T. (orgs.). *Pesquisa e ensino da língua: contribuições da Sociolingüística*. Anais do II Simpósio Nacional do GT de Sociolingüística da ANPOLL. Rio de Janeiro: Timing Editora/UFRJ/CNPq, 1996, p. 73-78.